



MAGNETICA

REVISTA DIGITAL

EDIÇÃO 09 | SET. 25



Manifesto

Altura, abertura e profundidade

MAGNÉTICA é uma plataforma para a criação, produção, editoração e divulgação de textos escritos pelos seus participantes. Textos com a gravidade, a luz, o ritmo - o fluxo da mente, do espírito - de quem com ela quiser seguir.

O foco é o ato de escrever como meditação ativa e criadora, a experiência do instante como expansão, extensão do pensamento: que as frases, temas e ideias se façam como o meio, e o fim seja tecido de si mesmo nos muitos caminhos e formas de cada um.

E que não se invista na trama do que contrai, do que repele, do que reduz, do que falseia; do que distorce, do que separa, do que condena. Nenhum símbolo do que não é deve aqui ser ampliado.

OS ATRAÍDOS

Meu nome é Eliana, com A no final, se não quiser confundir, pode me chamar de Eli. Tenho 56 anos, uma filha e três gatos. Magnética, o que me atrai são as cores, as artes, boa comida, bons amigos, viagens. Me causam repulsa a desigualdade, as injustiças, as coisas mal feitas, o cheiro do ralo e baratas.



Sou Mario. Sem acento no "a", mas aceito se você o colocar. Tenho 56 anos. Geminiano com ascendente em Capricórnio. Não acredito em horóscopo, mas me divirto. Magnético, sou atraído por todo tipo de conhecimento e novas linguagens. Repilo a injustiça, a desonestidade e todo um espectro de escatologias.



Sou Paula Bessa. Cinquenta anos em janeiro... capricorniana. E, talvez por isso, brava, teimosa e rígida à beça. Recentemente, descobri o quanto os dois "esses" do meu nome suavizam meu caminho. Gosto das possibilidades das curvas acentuadas que esses dois circuitos lado a lado me oferecem. Magnética, adoro o tempo das reticências e de contar detalhadamente uma história. Então, estranho quem diz "texto muito longo"... me parece sempre, no mínimo, curioso.



Meu nome é Ana Maria Malik. Filha de imigrantes da Europa do Leste, minha mãe tinha ficado orgulhosíssima de me dar um nome tão brasileiro. Na verdade, latino. Que inspirou músicas e poemas. Setentinha, mas ainda brigo com o espelho, pois aquela me olha de manhã não sou eu (depois, como sou resiliente, me acostumo). Geminiana, adoro palavras e músicas. Magnética, adoro conviver com gente. E sou reconhecida por isso. O que me revolta é a desigualdade. Nunca a diversidade.



Meu nome é Renato. Tenho 63 anos e já nasci algumas vezes nesta vida - daí o nome. Magnético, sinto atração por coisas secas: substantivos, desertos, estradas de terra e uva passa. Sinto repulsão por coisas gosmentas: diminutivos, jiló, jaca, lesma e o Alien ao nascer.



Meu nome é Sérvio, Sérvio Túlio, com 'v'. Não 'g'. 'V'... sim, com 'v' mesmo. Não foi erro no cartório, nem pais criativos, mas o avô que ensinava latim. Tenho 54 anos. Magnético, me atrai o rigor do que inclui, do que explica, do que conecta; a linguagem, as gramáticas, as equações. Tenho repulsa regurgitante a tudo que na frase "na prática a teoria é outra" pode estar implícito, oculto ou atolado.



ÍNDICE

NÃO É BOM, NÃO!

Renato Guimarães Ferreira

06

A ESTRELA SOBE

Mario Aquino

10

UMA RODA DA FORTUNA COM CENTAUROS E MACACOS...

Eliana Bianco

12

URBI ET ORBI

Ana Maria Malik

14

O CAMALEÃO

Paula Bessa

17

O TAROT INFINITO DE BORGES

Sérvio Túlio Prado Jr.

19

NÃO É BOM, NÃO!

Cansada. Cheguei em casa cansada. Trabalhei todos os dias nesta semana e foi puxado. Na casa da D. Lourdinha teve uma reforma, a sujeira estava grossa, deu muito trabalho deixar tudo limpo. Tive muito trabalho também na casa do Seo Reinaldo. Não consigo entender por que uma pessoa guarda tanto livro assim. Ele pediu pra limpar, fiquei a manhã inteira só tirando pó de livro e espirrando. Duvideodó que ele já leu aquilo tudo. Acho que é mais enfeite, porque senão ele estaria mais doido do que já é.

Nas outras casas, foi o de sempre, sem folga. A D. Cássia avisou que vai viajar – vai pra praia com a família, vão ficar 15 dias fora. Me dispensou por duas semanas, fiquei com as quintas-feiras livres por um tempo. Isso é bom por um lado, vou poder descansar um pouco e finalmente fazer uma faxina na minha casa. Por outro, é péssimo: vou ficar mais apertada ainda. O dinheiro já estava contado e agora vai ficar esse buraco. Vou ter de dar um jeito, avisar os porteiros dos prédios que já me conhecem que tenho esses dias livres. Vida de diarista não é fácil, não. Eu já avisei a D. Cássia que, se aparecer alguma coisa, vou ter de aceitar. Vamos ver.

Peguei duas conduções pra chegar em casa. Uma até o terminal, que estava lotado, outra de lá para cá. Ainda bem que no segundo ônibus eu consegui me sentar – esperei dois ônibus passarem antes de entrar em um onde vi que conseguiria me sentar. Minhas pernas andam meio fracas. Tenho sentido isso principalmente quando subo as escadarias do bairro onde ficam duas das casas onde trabalho. Oh lugar pra ter escadaria – é um sobe e desce sem parar, deixa

a gente exausta já no começo do dia. Pode ser que o frio, que veio forte esse ano, tenha ajudado a piorar a canseira nas pernas. Eu sou muito *friolenta* e, de costume, saio de casa com dois casacos e, às vezes, duas calças. No escuro, parece que o frio é mais gelado... Depois, no trabalho, tiro tudo e fico só com a roupa de bater. Ah, por falar nisso, preciso costurar um dos casacos. Ele está velho demais, mas ainda dá pro gasto. Está descosturando assim do lado, sabe? Coisa à toa, faço mais tarde, preciso só lembrar onde deixei a agulha e a linha grossa.

Passei no supermercado na esquina e comprei o que dava: um pouco de arroz e uma mistura pra hoje à noite. Precisava comprar café, mas deixei pra amanhã – estava os olhos da cara! Vi umas goiabas bonitas, eram das vermelhas. Fiquei com água na boca, fiquei pensando que eram brancas só pra perder a vontade.

Chegando em casa vi a Ceneide olhando pela fresta da janela. Ela não abre tudo, não, fica só espiando o movimento da rua pela janela meio aberta, imaginando que ninguém está vendo ela lá dentro. Fico quieta, faço que não vejo, entro em casa. Olho a tristeza da casa fechada e escura, a toalha de plástico xadrez sobre a mesa, duas bananas maduras quase perdendo em cima do prato que ganhei da minha sogra. Comprei a toalha xadrez de vermelho e branco porque estava em promoção e porque achei que ele ia alegrar a casa. É uma tentativa, né? Com a luz do dia, fica bonito. Não tinha ninguém – a Clara estava na Escola, o Zé na usina. Barulho mesmo, só o do vizinho da casa de cima que estava ouvindo, em um volume bem alto e pela décima terceira vez nos últimos dois dias, aquela música horrível do Reginaldo Rossi. Eu detesto a música e os vizinhos, que são uns grossos. Final de semana em casa é um inferno, com o churrasco rolando solto, o som alto e as brigas sem fim depois de algumas cervejas, muita cachaça e pouca linguça. O pior de tudo é que o dono da casa é meu ex-marido. Aquele fuleiro se engraçou com aquela sirigaita e foi morar com ela, pra alívio meu. Mas de todos os lugares desse mundaréu sem fim, eles escolheram a casa aqui ao lado. Pode isso? Deve ter sido só pra continuar me torrando os nervos. Não posso nem ver que o sangue já ferve. Difícil, viu?

Assim que entrei em casa, esqueci os vizinhos e ouvi o sinal de mensagem no WhatsApp: eu tinha certeza de que era a Ceneide. Ela sempre me manda mensagens assim que chego em casa. Ela grava áudios com a voz bem baixinha – certamente porque faz isso escondido de seja lá quem for que esteja cuidando dela. A Ceneide precisa de cuidado o tempo todo – apesar dos 18 anos, tem comportamento de 12 ou menos. É birrenta, briguenta e fofqueira, parece ter esquecido de crescer.

*“Oi, minha mãe entrou de **férias** hoje. E agora só vai trabalhar no dia **1º de agosto!**”* Dizia ela num ritmo engraçado, acentuando algumas palavras e engolindo outras: férias e 1º de agosto ela falava mais alto, mais forte, quase como que cantando. *“Se você quiser convidar nós pra tomar um café, passear um pouco... manda uma mensagem aqui no zap e a gente vai. Ela tá em casa, de boa, só vai voltar a trabalhar em a-gos-to!”*

Mas eu não vou responder hoje, não, porque estou um pouco chateada com ela. A gente faz de tudo pra tratar ela bem, mas ela às vezes machuca a gente. Semana passada ela fez aniversário. Assim que cheguei em casa, mandou uma mensagem: *“Olha, você pode me dar parabéns amanhã aqui pelo zap ou, se quiser, você pode comprar uma lembrancinha... Aí, você me avisa, que eu vou aí e pego. Você pode me dar um abraço também, junto com a lembrancinha, é só me avisar, amanhã à tarde, qualquer hora. Eu vou buscar.”*

Eu juntei um dinheirinho que tinha guardado pra alguma necessidade mais urgente e comprei um presente pra ela lá nas Americanas da praça. Era o último dinheiro que eu tinha, ia fazer falta, mas, como sempre faço, achei que depois eu dava um jeito. Passei na casa dela no dia seguinte, dei o abraço e o presente, comi um pedaço de bolo de laranja fresquinho, tirado da embalagem na hora, com café. Estava bom, tudo bem doce. A gente que é pobre valoriza demais o que é doce, muda o humor da gente. Atravessei a rua de volta e fui lavar a louça do dia anterior, que ainda não tinha lavado. Dormi quinze minutos a mais naquele dia de manhã e isso fez toda a diferença. Passei o dia inteiro atrasada.

Recebi no dia seguinte ao aniversário mais uma mensagem dela. Ela estava falando mais baixo do que de costume, eu tive que ouvir várias vezes pra entender. *“Olha, eu sei que a gente não pode desagradar as pessoas que dão presente pra gente, mas... Aquele presente que você me deu ontem não é bom, não, é fal-si-fi-ca-do... Ele já rasgou e tem espuma dentro, saiu tudo pra fora. O original não é assim, não. Eu não esperava isso de você, achei que você ia me dar uma coisa melhor. Mas tudo bem.”*

Eu fiquei muito chateada e ainda estou. Onde já se viu um desaforo deste? E além de tudo, fiquei sabendo que o cachorro dela é que tinha mordido e arrebitado o troço, que não chegava a ser uma boneca. Por isso, hoje não vou responder sua mensagem, não. Ela que se vire sozinha, vou correr atrás das minhas coisas. Se não gostou, devolve. É mais uma daquelas situações em que se aplica o ditado: *“Qué, qué / num qué, dá ré”!* Amanhã mando uma mensagem. Agora vou comer uma banana. Qué?



Renato Guimarães Ferreira



A ESTRELA SOBE

Ser filho único é um silêncio que pesa. Quando a saúde de minha mãe desabou, contei com minha esposa e com a minha filha em cada vigília, em cada refeição dada, nas conversas com médicos e enfermeiros. Mas a solidão maior não estava no corpo cansado. Estava no fardo de decidir. Só eu podia dizer o que fazer do destino de quem me deu a vida. E essa solidão não se reparte.

Vivemos numa época em que a palavra de ordem é autonomia. “Seja dono de si”, repetem. Transformaram a vida numa pequena empresa, cada um como CEO de si mesmo. Só que essa independência tem um preço alto: o esgarçamento da confiança. Quando a doença chega, quando a velhice se impõe, descobrimos que não há algoritmo que segure nossa mão.

No corredor gelado do hospital, entre a ansiedade em alta e passos apressados, chorei. Foi um choro curto, mas sem volta. Uma mulher, que eu nunca vira antes, me olhou. Não disse nada, não perguntou nada. Apenas sorriu. Um sorriso simples, sem cálculo, que me arrancou do fundo por alguns segundos.

Ali o destino jogou a carta da Estrela para mim. No Tarô, ela aparece depois da Torre, que implica a queda, a ruína, o desmoronamento. Já a Estrela aparece com a mulher nua, que verte água sobre a terra e sobre o

rio. Não guarda, não acumula: entrega. Sua nudez não é exposição, é confiança. Vulnerabilidade assumida. Um corpo que se oferece ao mundo sem defesas, como quem diz: “eu também sou frágil, e ainda assim pertenço”.

A Estrela é esperança, mas não uma esperança ingênua. É teimosa. É resistência. Ela brilha não para um só, mas para todos. E nos lembra que, mesmo nos corredores mais frios, ainda há gestos que iluminam. Basta um sorriso, às vezes, para reacender a trama do humano.

Mario Aquino



UMA RODA DA FORTUNA COM CENTAUROS E MACACOS...

Confesso que tive uma certa dificuldade para escrever sobre o tema desse mês: Cartas do Tarô. Para além de uma diversão da adolescência, eu nada sei sobre o assunto.

O que descobri é que o baralho tem 22 Arcanos Maiores que se iniciam com O Louco e terminam na carta O Mundo. E que cada pessoa tem seu arcano pessoal, obtido somando-se os números do dia, mês e ano de seu nascimento. O resultado deve ser reduzido até um número menor que 22, que será o número do seu Arcano Maior no Tarô.

Somando os números da minha data de nascimento cheguei ao número 37. $3 + 7 = 10$. Assim, meu Arcano Pessoal seria o da carta 10, que é a Roda da Fortuna.

Fiquei pensando na minha vida e se essa carta teria alguma coisa mesmo a ver comigo. Bem... a fortuna ainda não vi. Tenho esperanças... Mas a roda... esse sobe e desce, com certeza me representa bem.

Recorri à Inteligência Artificial para me ajudar a entender o significado do Arcanjo.

"No Tarot de Marselha, a Roda da Fortuna representa os ciclos inevitáveis da vida, a transitoriedade, o destino e as mudanças. A carta simboliza que as experiências se movem em ciclos de ascensão e queda, sendo um aviso de que nada permanece para sempre e que o movimento e a adaptação

são essenciais. É um convite para aceitar as mudanças, confiar no tempo e manter a resiliência diante das inevitáveis transformações do destino, que estão fora do nosso controle.”

Essa sou eu... Quantas mudanças já tive na vida. Quantas reviravoltas... Quantos caminhos interrompidos e recomeçados... Quantas adaptações... Quantas surpresas! Pouco conheço também dos outros estudos místicos - numerologia, astrologia e horóscopo chinês - mas parece haver alguma semelhança e afinidades entre eles. Na Astrologia, sou sagitariana, cujo símbolo é um ser meio humano, meio cavalo. Meio gente, meio bicho. Meio racional, meio emotiva. Ora uma coisa, ora outra. No Horóscopo Chinês, sou macaco. Esse ser inquieto e curioso, que vive pulando de galho em galho.

É, tudo faz sentido... No fim das contas, não importa tanto se é tarô, horóscopo ou numerologia: eu continuo aqui, tentando me equilibrar nessa roda da vida que não para de girar. E, quem sabe, um dia ela resolve parar justamente na casa da fortuna...

Eliana Bianco



URBI ET ORBI

Urbana, eu? Acho melhor me classificar como metropolitana, tendo em vista meus conhecimentos e minha zona de conforto (expressãozinha chata, essa, que virou moda e perdeu, portanto, boa parte do seu sentido). Até há bem pouco, o mundo vegetal para mim se resumia a árvores (arvrinhas), plantinhas, florzinhas e grama. Confesso que devido à idade conseguia também distinguir as samambaias entre as infinitas variações do verde com as quais esbarro dentro do critério de apresentar folhas. Hoje melhorei, conheço strelitzias, astromélias e gloriosas, além das palmas e das rosas (sempre presentes no meu apartamento, claro, da infância), violetas e orquídeas. Minhas favoritas? Meu coração oscila entre girassóis e amores perfeitos. E quanto a esses últimos, adoro os seus nomes em outras línguas (pansy em inglês, pensée em francês, viola del pensiero em italiano). No quesito árvores continuo um fracasso. Identifico ipês quando estão floridos, mas é o que consigo. Mudou o Brasil ou mudei eu?

Quanto ao mundo animal, sabia que havia os da área rural (vacas, cavalos, galinhas) e os de casa (não da minha), como cachorros, gatos, passarinhos (em gaiolas) e peixinhos (em aquários). Lembro-me bem de quando vi de perto, pelo menos conscientemente, o primeiro porco no chiqueiro, já médica formada, apresentado por um amigo meu em quem provoquei uma gargalhada ao reclamar do cheiro, que me foi apresentado junto com o seu causador. Aliás, nessa mesma ocasião me espantei com o dulçor da garapa, que – claro – para minha surpresa era feita de cana espremida. E, antes que eu esqueça, faziam parte desse mundo os insetos, todos responsáveis por coceiras e reações de asco. Sapos, cobras, jacarés e lagartos faziam parte do universo férias e ficavam muito difusos e confusos na minha mente.

Hoje diferencio bem raças de cachorros, como corgies (afinal, a rainha da Inglaterra passeava com eles), border collies e pastores de Shetland e conheço gatos ragdolls, siameses e angorás, além de vira-latas (que já sei até chamar de caramelos). Peço desculpas aos tutores (ai, vida politicamente correta) dos de outras raças, mas essas foram as que primeiro me vieram à mente. Claro, frequentei zoológicos, tenho até meu animal favorito (o ornitorrinco). Por causa dele, na Austrália, fiz questão de visitar um zoo. Mudei, evolui ou fui domesticada? Não sei bem, mas acho que eu não me entendo bem com o mundo animal. Ou melhor...reconheço que ele existe. Mas ele lá e eu aqui. Embora nas ruas pelas quais eu caminho, numa metrópole e na chamada Manhattan paulista, já tive a oportunidade de cruzar com porcos e com lhamas na coleira. Aliás, minto - enquanto todos os que caminhavam pela rua de comércio onde estava este último animal paravam para olhar, assisti uma discussão sobre sua espécie. Não era uma lhama, era uma alpaca. Aparentemente é impossível confundir os dois.

Moradia? Contaram-me que morei numa casa, quando muito pequena, mas lembro-me mesmo de morar em apartamentos. Mas vi uma foto de mim na casa em que morei, bem pequena, ao lado de uma tartaruga. Certamente não era para me inspirar a me tornar corredora e não me lembro de ter tido esse quelônio como pet. Enfim, como era bem anterior à IA, não foi montagem. E nessa minha longa vida, domicílio fixo mesmo, de mais de 6 meses, foram 4, todos no mesmo bairro. Sei bem que casas podem ter quintal e jardim, mas entendo mesmo de prédios, não de condomínios, e de apartamentos, sou do tempo em que havia salão de festas (hoje quase sempre transformados em academia) e uma área pequena para crianças e cachorros brincarem (e havia mais crianças do que pets). Hoje, perto de onde eu moro, há um parque chamado de parCão, já mostrando qual a população preferencial dos seus utilizadores. Assisti na oferta de apartamentos para venda a evolução de quartos e banheiros para suítes, de uma vaga de garagem para duas ou mais (meu avô, que comprou o apartamento onde hoje vivo, chegou a vender a sua vaga de garagem por não entender a utilidade desse cômodo extra, me dirigindo, portanto, para o movimento dos sem carro, que aliás é característica dos jovens de hoje). No prédio onde morei com meus pais, a área onde as crianças podiam brincar se tornou estacionamento. E assisto assustada a proliferação de placas de apartamentos à venda entre 18 e 40 m²...nunca prestei atenção, mas acho que nenhum vende o conceito de suíte. Quando morei fora do país busquei apartamentos, mas sem suítes e em um dos prédios não havia elevador. Em outro o elevador me parecia tão pouco seguro que eu preferia ir a pé até o segundo andar. E só havia porteiro, trabalhando em horário comercial, em um deles.

E as calçadas e as ruas da minha cidade? Parecem corrida de obstáculos. Tropeço diariamente, pelo menos uma vez, já que caminho muito. Às vezes aproveito para fazer exercícios de elevação de pernas, tendo em vista a altura de algumas calçadas. Aprendi na Colômbia que calçadas elevadas podem ser muito úteis quando há chuvas, para evitar enchentes. No entanto, neste meu bairro, isso é praticamente inútil, pois a água desce em cascata da Avenida Paulista, formando enxurradas intransponíveis. Da última vez em que tive que enfrentar uma dessas me enchi de coragem e pedi ajuda a um entregador desses de moto, que carregava um pacote. Primeiro ele me olhou, de cima a baixo. Depois disse que me ajudaria, porém não naquele ponto exato em que me encontrava, me orientou para subir uns passinhos. Certamente ele era mais experiente no quesito cruzar a intempérie, então obedeci imediatamente. Apertou minha mão e lá fomos nós a caminho do outro lado. Acho que isso foi o mais perto do que eu cheguei de ter uma experiência de atravessar a vau, expressão que aprendi no colégio e que nunca tinha conseguido vivenciar até São Paulo me propiciar a oportunidade. Precisa ser ressaltado que moro num bairro privilegiado da cidade, e não nas regiões sujeitas a enchentes. Não sei o nome do entregador nem me lembro de seu rosto, mas sua memória me reconcilia com a categoria dos profissionais que tentam me atropelar todos os dias, muitas vezes.

Escrevendo este texto percebi que tenho muito mais familiaridade com as palavras que com as coisas, com o abstrato que com o concreto. Embora, temos que convir, o concreto seja mais próximo de mim do que a terra e a água.

Ana Maria Malik



O CAMALEÃO

Imagem:

Um ser que muda de cor não pelo que o rodeia, mas pelo que brota de dentro. Suas cores e tonalidades vibram como tradução visível do seu estado mental.

Símbolo:

A espiral em seu corpo representa a Fonte de onde tudo se expande, lembrando-nos que a cor nasce a partir da luz refletida e processada pela visão. Sua cor não é reação ao externo, mas projeção do interno. Assim como a cor não está no objeto, mas na forma como a luz é refletida e percebida, o mundo que vês não existe fora de ti: ele apenas devolve o que tua mente decidiu ser. Se tua mente se faz laranja, o mundo parecerá laranja. Se tua mente se faz verde, tudo se tornará verde. A verdadeira visão não é a mimesis do que há fora, mas a expansão do que há dentro. Essa é a maior dádiva: transformar a realidade a partir do estado mental — e não o contrário.

Quando aparece na leitura:

Indica que estás tentando te camuflar ao externo. Convida a perceber que a paz não nasce das circunstâncias, mas da decisão de como as percebes. Sugere que chegou o momento de escolher tua cor real, ao invés de apenas assumir o ambiente como causa e não como efeito.

Afirmação:

“A cor que vejo em mim é a cor que o mundo refletirá.

Eu transformo a realidade pela minha visão.”

Paula Bessa



O TAROT INFINITO DE BORGES

Os céus do acaso e o silêncio.
A ordem imaginada das coisas.

O instante, o cânone, a explosão,
o relógio de areia em cada um dos seus grãos.

Os sonhos, as ondas, o som.
Os arcos, as cores, o que a si expande.

O que cada um é nas cordas do tempo,
porque já não foi, nem tampouco será.

A sequência do que não se repete.
O sentido combinatório de tudo.

Os arcanos, moedas, estrelas,
conchas, letras, algarismos...

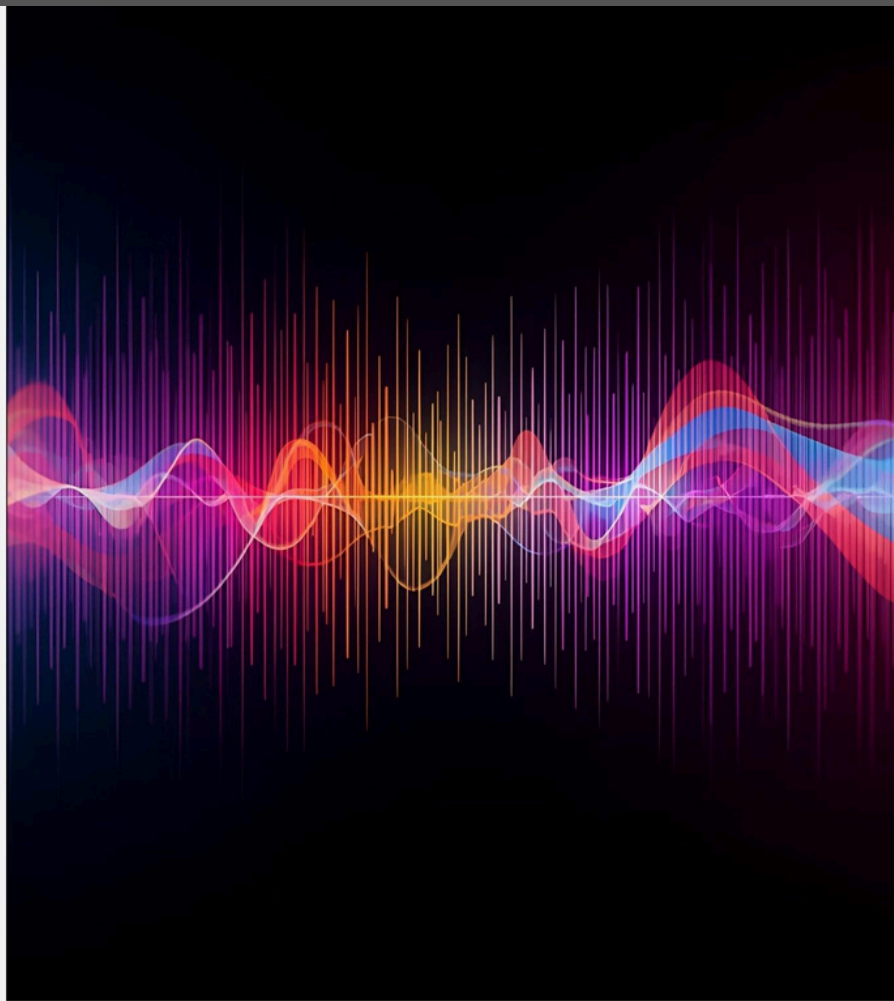
Um tapete, arabescos.

Os céus do acaso e o imaginado.
O caos silencioso das coisas.

Sérvio Túlio Prado Jr.



INSCREVA-SE E RECEBA AS PRÓXIMAS EDIÇÕES




MAGNETICA

